Paubrasilia **Artigo**
https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0225 2026, Vol. 9, e0225

Entre o Passado e o Presente: Caracterização Florística e Estrutural dos Remanescentes Florestais da Antiga Colônia Agrícola Nacional de Goiás

Between the Past and the Present: Floristic and Structural Characterization of the Forest Remnants of the National Agricultural Colony of Goiás (CANG)

Lais M. F. Vieira[1], Paulo Sérgio A. Silva[2], Márcio Junior Pereira[3], Karoline N. Siqueira[4], Wander G. Souza[5], Leovigildo Aparecido C. Santos[6], Suelen Cassia P. Melo[7], Sandro Dutra e Silva[8], e Carlos M. Silva Neto[9]

1 PPG RENAC, Universidade Estadual de Goiás, UEG, Anápolis, Goiás, Brasil.

2 Instituto Federal Goiano, Ceres, Goiás, Brasil.

3 Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás, Brasil.

4 Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

5 Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil.

6 Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás, Brasil.

7 Universidade Federal de Goiás, Programa de Ciência e Tecnologia de Alimentos (PPGCTA/UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

8 Universidade Estadual de Goiás e UniEvangélica, Anápolis, Goiás, Brasil.

9 Instituto Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. Universidade Estadual de Goiás, Unidade Ipameri, Goiás, Brasil. PPG RENAC e PPG Produção Vegetal UEG.

Palavras-chave
Fitossociologia, história ambiental, inventário florestal.

Keywords
Environmental history, forest inventory, phytosociology.

Recebido em: 06/01/2026
Aceito em: 19/02/2026

Editor: Jaílson S. Novais (UFSB)

eISSN: 2595-6752

Resumo

A antiga Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), criada na década de 1940 como parte da política de interiorização e desenvolvimento do Brasil Central, constitui importantes remanescentes florestais do Cerrado. Através da caracterização da composição florística e da estrutura desses fragmentos, distribuídos em cinco municípios da região chamada de Mato Grosso de Goiás, registramos 91 espécies pertencentes a 34 famílias, com destaque para Fabaceae, Myrtaceae e Malvaceae em diversidade, e para *Physocalymma scaberrimum*, *Hirtella glandulosa* e *Protium heptaphyllum* em abundância. Através de inventários florísticos realizamos a comparação da estrutura da vegetação com registros históricos de Speridião Faissol à época da criação da colônia evidenciou a permanência de espécies-chave, como *Hymenaea courbaril*, apontando todavia perturbações sobre estes remanescentes.

Abstract

The former National Agricultural Colony of Goiás (CANG), created in the 1940s as part of the policy of interiorization and development of Central Brazil, constitutes important forest remnants of the Cerrado. Through the characterization of the floristic composition and structure of these fragments, distributed across five municipalities in the region known as Mato Grosso de Goiás, we recorded 91 species belonging to 34 families, with Fabaceae, Myrtaceae, and Malvaceae standing out in terms of diversity, and Physocalymma scaberrimum, Hirtella glandulosa, *and* Protium heptaphyllum *in abundance. Comparison of the vegetation structure with historical records by Speridião Faissol at the time of the colony's creation showed the permanence of key species, such as* Hymenaea courbaril, *but also pointed to disturbances in these remnants.*

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0179 2026, Vol. 9, e0179

Introdução

O Cerrado, segundo maior bioma brasileiro, ocupa aproximadamente 204,7 milhões de hectares na região central do país, abrangendo os estados da Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Piauí, São Paulo, Tocantins e o Distrito Federal (Santos et al., 2021). Reconhecido por sua elevada relevância ecológica e geográfica, esse domínio fitogeográfico foi classificado como um dos 25 *hotspots*[1] globais de biodiversidade, embora atualmente preserve apenas cerca de 20% de sua cobertura vegetal original (Myers, 2000; Santos et al., 2021). Apesar de sua importância, apenas 11% do Cerrado está protegido por unidades de conservação, enquanto os remanescentes foram dessas áreas sofrem degradação por práticas insustentáveis, comprometendo a integridade ecológica e a conectividade dos habitats, em meio à expansão agrícola voltada à produção de grãos (Sano et al., 2019).

A ocupação do Cerrado ocorreu em distintas frentes históricas. Inicialmente, com a presença de colonizadores portugueses voltados à extração mineral e ao apresamento de povos indígenas para os engenhos do Nordeste. Posteriormente, políticas de integração e desenvolvimento regional intensificaram a ocupação do Centro-Oeste, especialmente a partir da década de 1950, com a construção de Brasília e a implantação de rodovias (Rocha-Jr. et al., 2006). No contexto da "Marcha para o Oeste", foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), vinculada à fundação de Goiânia e à Fundação Brasil Central. Essa iniciativa, associada às políticas de Getúlio Vargas, redefiniu territorialmente a região central de Goiás, então denominada Mato Grosso Goiano, marcada por extensas formações florestais, conforme registros populares e relatos de naturalistas (Castilho, 2012; Faissol, 1952).

No Brasil Central, o Cerrado abriga antigas formações contínuas de florestas estacionais (Pennington et al., 2000). Essas formações ocorrem em diferentes regiões: no Vale do Rio Paranã, entre o nordeste de Goiás e o sudeste do Tocantins (Scariot & Sevilha, 2005); no chamado Mato Grosso de Goiás, localizado na porção centro-sudoeste do estado; em áreas de solos basálticos que se estendem por Minas Gerais e São Paulo; e no Mato Grosso do Sul, em zonas de transição com o Pantanal (Ferreira et al., 2017; Oliveira-Filho & Ratter, 2002). Atualmente, os remanescentes florestais encontram-se fragmentados e inseridos na matriz de vegetação típica do Cerrado (Santos et al., 2020).

As florestas estacionais do Brasil Central (Figura 1) ocorrem em regiões de elevada sazonalidade climática, com alternância de períodos seco e chuvoso de cerca de seis meses cada, precipitação média anual inferior a 1.600 mm na estação chuvosa e índices que podem decrescer para menos de 100 mm na seca (Pereira et al., 2011). Na área denominada Mato Grosso de Goiás, essas formações desenvolvem-se sobre solos férteis derivados de derramamentos basálticos, que se estendem de São Paulo até Ceres, GO (Haidar, 2008), incluindo matas de galeria, ciliares e cerradões, cuja cobertura original era estimada em 40.000 km² (Oliveira-Filho & Ratter, 2002), atualmente intensamente fragmentada.

Em 1952, Speridião Faissol realizou a caracterização da vegetação na área da CANG[2], então associada às formações do denominado Mato Grosso de Goiás. Nesse estudo, o autor classificou a vegetação em duas categorias principais: as matas de vale ou de 1ª classe, descritas como formações de maior porte e exuberância, que foram posteriormente reconhecidas como Floresta Estacional Semidecidual segundo a tipologia de Ribeiro e Walter (2008); e o chamado "mato seco", correspondente às matas de 2ª classe, vinculadas a ambientes de menor disponibilidade hídrica e com predominância de características semi-deciduais, posteriormente enquadradas como Floresta Estacional Decidual e/ou Cerradão (Ribeiro & Walter, 2008).

Segundo Faissol (1952), o "mato seco" predominava nos espigões, enquanto as matas de 1ª classe se localizavam nos vales. O autor também descreveu características estruturais da vegetação, destacando árvores de grande porte que compunham o dossel, com alturas variando entre 35 e 40 metros e diâmetros médios de 50 a 70 centímetros. Embora se trate de registros subjetivos, tais informações são relevantes e possibilitam comparações com a condição atual da vegetação.

A intensa perda de habitat e a crescente fragmentação das florestas estacionais evidenciam a necessidade de estudos de campo, visando subsidiar políticas públicas voltadas à conservação dessas formações (Filgueiras et al., 1994; Santos et al., 2020). Inventários da vegetação têm papel essencial na caracterização das comunidades do Cerrado, permitindo o reconhecimento fitofisionômico, a estimativa de variáveis ecológicas e a elaboração de listas de espécies locais. Exemplos incluem Silva et al. (2021), que analisaram a vegetação da Floresta Nacional de Silvânia (GO); Ferreira et al. (2017), que investigaram a riqueza florística na bacia do rio Paracatu (MG); Martelo et al. (2023), que avaliaram a influência da estrutura da paisagem sobre a diversidade funcional; e Pinheiro e Durigan (2009), que estudaram a dinâmica espaço-temporal das fitofisionomias em unidade de conservação no Sudeste do Cerrado.

Entretanto, não há registros de inventários realizados na região do Vale do São Patrício e na área correspondente à antiga Colônia Agrícola Nacional de Goiás. Diante da escassez de estudos florestais no Cerrado e da ausência de informações específicas para essa área, apresentamos a caracterização dos remanescentes florestais da região da antiga CANG, estabelecendo comparações com os registros conduzidos por Speridião Faissol em 1952, durante a criação da colônia.

Materiais e métodos

Amostragem da Vegetação

Foram delimitadas 15 unidades amostrais aleatórias (**Figura 1**) distribuídas na área de estudo, abrangendo os municípios de Ceres (N=7), Nova Glória (N=3), Carmo do Rio Verde (N=2), São Patrício (N=1) e Itapuranga (N=2). Os fragmentos analisados correspondem aos remanescentes florestais da antiga Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG). A fitofisionomia predominante nas unidades amostrais é a Floresta Estacional Semidecidual, com ocorrência secundária de Floresta Estacional Decidual, conforme a classificação proposta por Ribeiro e Walter (2008).

O inventário florestal foi realizado por meio do Levantamento Rápido (LR), técnica de amostragem voltada à coleta ágil de dados qualitativos, cujos princípios se aproximam do método de caminhamento descrito por Filgueiras et al. (1994). Para a aplicação, foram estabelecidos transectos lineares de 100 metros, demarcados com barbante.

Todos os indivíduos arbóreos com circunferência à altura do peito (CAP) ≥ 15 cm, localizados até 1 metro de cada lado do transecto, foram incluídos no inventário. Foram mensurados todos os fustes de indivíduos bifurcados, além da estimativa das respectivas alturas. A identificação botânica das espécies seguiu a classificação sistemática proposta pelo *Angiosperm Phylogeny Group* APG VI (2016). Para elaboração do mapa com a área do inventário, foram utilizadas as malhas territoriais de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e os dados de Uso e Cobertura do Solo da coleção 9 do projeto MapBiomas.

[1] O termo *hotspot* de biodiversidade foi definido por Myers et al. (2000) como uma região com elevada riqueza de espécies endêmicas e sob intenso grau de ameaça, sendo referência mundial para a definição de prioridades de conservação.

[2] A Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) foi criada pelo Decreto-Lei nº 3.059, de 29 de janeiro de 1941, durante o governo de Getúlio Vargas, como parte da política da "Marcha para o Oeste", destinada à ocupação agrícola planejada e à integração territorial do Brasil Central (Brasil, 1941).

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0225 2026, Vol. 9, e0225

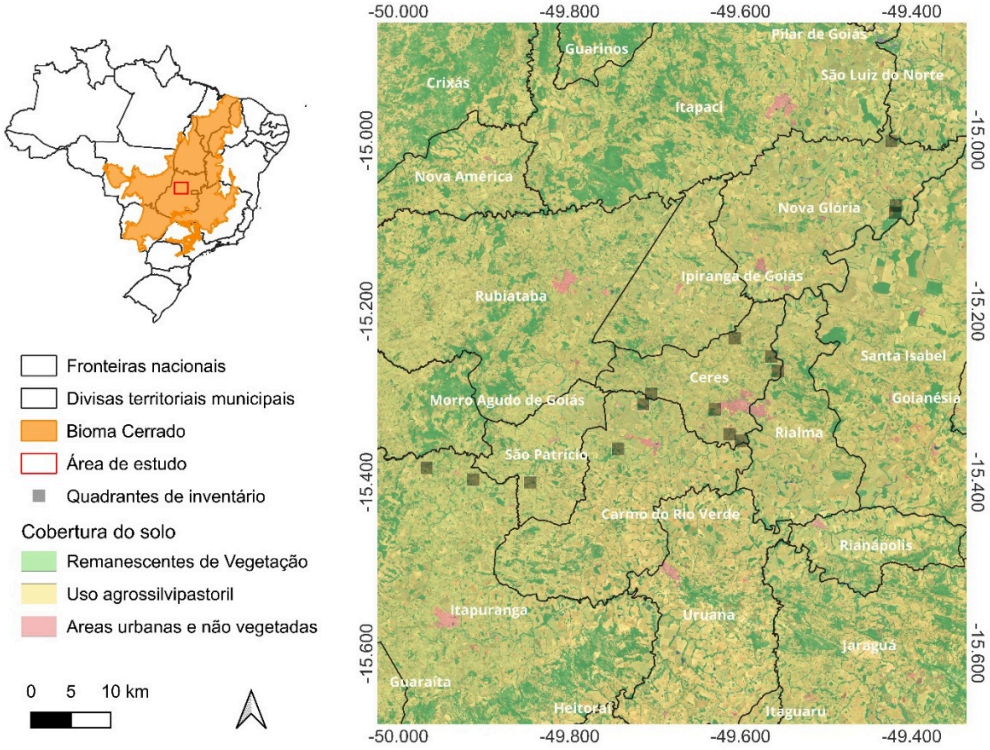


Figura 1
Detalhamento da Área de Estudo com os Limites Municipais, Quadrantes de Inventário Florestal e Categorias de Cobertura do Solo

Diversidade Florística

Foi elaborada uma tabela contendo as espécies arbóreas e arbustivas registradas nas unidades amostrais. A identificação dos indivíduos foi realizada em nível específico, seguindo a nomenclatura estabelecida pelo APG VI (2016). Para consulta dos nomes científicos e populares, utilizou-se a coleção Árvores Brasileiras (Lorenzi, 1992, 1998, 2009; Souza & Lorenzi, 2005), enquanto a taxonomia vigente, conforme o APG VI, foi conferida na base de dados Tropicos.org, mantida pelo Missouri Botanical Garden.

Na atribuição dos nomes populares, foram considerados tanto os registros bibliográficos quanto aqueles fornecidos pela população local, obtidos através de conversas informais durante o trabalho de campo. As espécies para as quais não houve disponibilidade de informações foram registradas com a denominação "não identificado".

Estrutura Diamétrica e Altura da Comunidade

A ausência de dados precisos sobre a idade dos indivíduos florestais em remanescentes pode ser suprida pela análise da distribuição diamétrica em formações inequiâneas, parâmetro essencial para compreender o histórico e as perspectivas das populações vegetais (Pereira et al., 2017). Estudos fitossociológicos, florísticos e estruturais fornecem subsídios ao manejo, conservação e recuperação de florestas, aumentando as chances de êxito em processos de restauração (Scariot, 2005).

A análise, realizada por meio de histogramas de frequência de classes, permite avaliar espécies em conjunto ou isoladamente e identificar perturbações passadas, como incêndios, pragas, doenças, exploração seletiva ou características fisiológicas e fenológicas (Martins et al., 2020). No caso dos remanescentes da CANG, a avaliação da estrutura diamétrica dos fragmentos do norte do Mato Grosso de Goiás é fundamental para compreender as transformações ocorridas e subsidiar estratégias de conservação.

Para essa análise, foram estabelecidas classes de Circunferência à Altura do Peito (CAP) e de altura da comunidade e das populações, adotando intervalos de 10 cm para CAP e de 2 m para altura, conforme Silva et al. (2021). Esses critérios resultaram na elaboração de gráficos representando o número de indivíduos por classe de CAP e por altura.

Resultados

Diversidade Florística

As quinze unidades amostrais analisadas contabilizaram 312 indivíduos (Tabela 1). A menor abundância registrada foi de 13 indivíduos, enquanto a maior alcançou 43 indivíduos. A diversidade florística variou entre 6 e 16 espécies por unidade amostral. No conjunto geral, foram identificadas 91 espécies distintas na região.

Entre as famílias registradas, Fabaceae apresentou a maior abundância, com 65 indivíduos (20,8%), além de se destacar como a de maior diversidade florística, reunindo 19 espécies distintas. Em seguida, sobressaíram Myrtaceae com 26 indivíduos (8,32%) e 6 espécies, Lythraceae com 24 indivíduos (7,69%) e 2 espécies, Chrysobalanaceae com 21 indivíduos (6,73%) e 1 espécie, Anacardiaceae com 11 indivíduos (6,08%) e 4 espécies, e Burseraceae com 18 indivíduos (5,76%) e 1 espécie. Essas famílias concentram a maior parte da composição florística dos remanescentes analisados, evidenciando tanto sua relevância estrutural quanto na diversidade de espécies presentes na comunidade vegetal.

Discussão

Diversidade Florística

As espécies mais abundantes na área de estudo foram *Physocalymma scaberrimum* (23 indivíduos), *Hirtella glandulosa* (21), *Protium heptaphyllum* (18), além de *Platypodium elegans* e *Rhamnidium elaeocarpum*, ambas com 10 indivíduos. A família Fabaceae destacou-se como a de maior diversidade florística, reunindo 18 espécies distintas, seguida por Myrtaceae com 6 espécies e Malvaceae com 6 espécies, enquanto as demais famílias variaram entre quatro e uma espécie cada.

Conforme observado por Martins et al. (2020), diversas espécies registradas neste levantamento são características de Florestas Estacionais Semidecíduas do Cerrado, como *Astronium fraxinifolium*, *Cariniana estrellensis*, *Copaifera langsdorffii*, *Emmotum nitens*, *Hirtella glandulosa*, *Hymenaea courbaril*,

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0179 2026, Vol. 9, e0179

Tabela 1

Flora Arbórea Amostrada na Região da Antiga Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG)

Família/Espécie	Nome popular	N	%
Anacardiaceae (04 espécies)		**11**	**6,08%**
Astronium fraxinifolium Schott	Gonçalo-alves	2	0,64%
Astronium urundeuva (M.Allemão) Engl.	Aroeira-preta	6	1,92%
Tapirira guianensis Aubl.	Fruta-de-pombo	2	0,64%
Não identificada		1	0,32%
Annonaceae (03 espécies)		**8**	**2,56%**
Xylopia aromatica (Lam.) Mart.	Pimenta-de-macaco	5	1,60%
Annona sp.	Araticum	1	0,32%
Xylopia sericea A.St.-Hil.	Pindaíba	2	0,64%
Apocynaceae (03 espécies)		**6**	**1,92%**
Aspidosperma sp.	Guatambu	3	0,96%
Aspidosperma subincanum Mart.	Guatambu	1	0,32%
Aspidosperma parvifolium A.DC.	Guatambu-branco	2	0,64%
Araliaceae (02 espécies)		**5**	**1,60%**
Dendropanax cuneatus (DC.) Decne. & Planch.		2	0,64%
Didymopanax morototoni (Aubl.) Decne. & Planch.	Mandiocão	3	0,96%
Arecaceae (01 espécie)		**3**	**0,96%**
Euterpe edulis Mart.	Palmito Juçara	3	0,96%
Asteraceae (01 espécie)		**1**	**0,32%**
Cheiloclinium cognatum (Miers) A.C.Sm.	Bacupari-da-mata	1	0,32%
Bignoniaceae (02 espécies)		**3**	**0,96%**
Tabebuia aurea (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	Ipê-caraíba	2	0,64%
Handroanthus vellosoi (Toledo) Mattos	Ipê-amarelo	1	0,32%
Cordiaceae (02 espécies)		**3**	**0,96%**
Cordia selloviana Cham.	Bugre	2	0,64%
Cordia glabrata (Mart.) A.DC.	Louro-preto	1	0,32%
Burseraceae (01 espécie)		**18**	**5,76%**
Protium heptaphyllum (Aubl.) Marchand	Breu-branco	18	5,76%
Celastraceae (02 espécies)		**3**	**0,96%**
Plenckia populnea Reissek	Marmelinho-do-campo	2	0,64%
Salacia elliptica (Mart.) G. Don	Bacupari	1	0,32%
Chrysobalanaceae (01 espécie)		**21**	**6,73%**
Hirtella glandulosa Spreng.	Coco-de-bode	21	6,73%
Combretaceae (03 espécies)		**5**	**1,60%**
Terminalia argentea Mart. & Zucc.	Capitão-do-campo	1	0,32%
Terminalia brasiliensis (Cambess.) Eishler	Cerne-amarelo	2	0,64%
Terminalia glabrescens Mart.	Capitão	2	0,64%
Dilleniaceae (01 espécie)		**7**	**2,24%**
Curatella americana L.	Lixeirinha	7	2,24%
Erythroxylaceae (01 espécie)		**1**	**0,32%**
Erythroxylum sp.	Cocão	1	0,32%
Euphorbiaceae (03 espécies)		**5**	**1,60%**
Alchornea triplinervia (Sprengel) Müller Argoviensis	Pau-óleo	1	0,32%
Mabea fistulifera Mart.	Mamoninha-do-mato	2	0,64%
Maprounea guianensis Aubl.	Cascudinho	2	0,64%
Fabaceae (19 espécies)		**65**	**20,80%**
Bauhinia sp.	Pata-de-vaca	1	0,32%
Machaerium hirtum (Vell.) Stellfeld.	Jacarandá-bico-de-pato	4	1,28%
Piptadenia gonoacantha (Mart.) J. F. Macbr.	Pau-jacaré	3	0,96%
Copaifera langsdorffii Desf.	Copaíba	8	2,56%
Erythrina mulungu Mart. ex Benth.	Mulungu	8	2,56%
Apuleia leiocarpa (Vogel) J. F. Macbr.	Garapa	3	0,96%
Hymenaea courbaril L.	Jatobá-verdadeiro	9	2,88%
Andira fraxinifolia Benth	Angelim-mirim	1	0,32%
Inga uruguensis Hook. & Arn.	Ingá	1	0,32%
Tachigali vulgaris L.F. Gomes da Silva & H.C. Lima	Carvoeiro	5	1,60%
Centrolobium tomentosum Guill. ex Benth.	Araribá	2	0,64%
Platymiscium floribundum Vogel.	Jacarandá-vermelho	1	0,32%
Platypodium elegans Vogel	Faveiro	10	3,20%
Lonchocarpus muehlbergianus Hassl.	Feijão-cru	2	0,64%
Machaerium acutifolium Vogel	Jacarandá-do-campo	2	0,64%
Machaerium macrocarpum Benth.	Jacarandá	1	0,32%
Anadenanthera macrocarpa (Benth.) Brenan	Angico	2	0,64%
Senna multijuga (Rich.) H. S. Irwin & Barneby	Pau-cigarra	1	0,32%

Nota: número de indivíduos (N), percentual (%)

Continua

Tabela 1 (Continuação)

Flora Arbórea Amostrada na Região da Antiga Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG)

Família/Espécie	Nome popular	N	%
Andira anthelmia (Vell.) Benth.	Angelim	1	0,32%
Lauraceae (04 espécies)		**9**	**2,88%**
Ocotea spixiana (Nees) Mez	Canela	6	1,92%
Nectandra cuspidata Nees	Louro-tamanco	1	0,32%
Ocotea sp.		1	0,32%
Não identificado		1	0,32%
Lecythidaceae (01 espécie)		**8**	**2,56%**
Cariniana estrellensis (Raddi) Kuntze	Bingueiro	8	2,56%
Lythraceae (02 espécies)		**24**	**7,69%**
Physocalymma scaberrimum Pohl	Cega-machado	23	7,37%
Lafoensia pacari A.St.-Hil.	Mirindiba	1	0,32
Malvaceae (06 espécies)		**12**	**3,84%**
Eriotheca candolleana (K.Schum.) A.Robyns	Catuaba-branca	3	0,96%
Apeiba tibourbou Aubl.	Escova-de-macaco	3	0,96%
Guazuma ulmifolia Lam.	Mutamba	1	0,32%
Pseudobombax longiflorum (Mart. & Zucc.) A.Robyns	Umburuçu	1	0,32%
Eriotheca pubescens (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	Paineira	2	0,64%
Luehea divaricata Mart.	Açoita-cavalo	2	0,64%
Melastomataceae (01 espécie)		**8**	**2,56%**
Miconia albicans (SW.) Steud.	Canela-de-velho	8	2,56%
Meliaceae (02 espécies)		**5**	**1,60%**
Guarea guidonia (L.) Sleumer	Camboatã	4	1,28%
Trichilia pallida Sw.	Baga-de-morceço	1	0,32%
Metteniusaceae		**3**	**0,96**
Emmotum nitens (Benth.) Miers	Sobre	3	0,96
Moraceae (01 espécie)		**3**	**0,96%**
Ficus sp.	Gameleira	3	0,96%
Myristicaceae (01 espécie)		**1**	**0,32%**
Virola sebifera Aubl.	Ucuúba	1	0,32%
Myrtaceae (06 espécies)		**26**	**8,32%**
Myrcia sp.		6	1,92%
Siphoneugena densiflora O. Berg.	Maria-preta	3	0,96%
Eugenia dysenterica (Mart.) DC.	Cagaita	3	0,96%
Psidium cattleyanum Sabine	Araçá	2	0,64%
Psidium sp.		1	0,32%
Não identificado		11	3,52%
Polygonaceae		**1**	**0,32%**
Coccoloba mollis Casar.	Pau-formiga	1	0,32%
Proteaceae (01 espécie)		**5**	**1,60%**
Roupala brasiliensis Klotzsch.	Carvalho-brasileiro	5	1,60%
Rhamnaceae (01 espécie)		**10**	**3.20%**
Rhamnidium elaeocarpum Reissek	Cafezinho	10	3.20%
Rubiaceae (03 espécies)		**6**	**1,92%**
Genipa americana L.	Genipapo	1	0,32%
Rudgea vibunoides (Cham.) Benth.	Cotó	1	0,32%
Cordiera sessilis (Vell.) Kuntze.	Marmeladinha	4	1,28%
Rutaceae (01 espécie)		**2**	**0,64%**
Zanthoxylum rhoifolium Lam.	Mamica-de-porca	2	0,64%
Salicaceae (01 espécie)		**3**	**0,96%**
Casearia sylvestris Sw.	Chá-de-bugre	3	0,96%
Sapindaceae (04 espécies)		**6**	**1,92%**
Allophylus edulis (A.St.-Hil. et al.) Hieron. ex Niederl.	Fruta-de-pombo	2	0,64%
Matayba guianensis Aubl.	Camboatá	2	0,64%
Cupania vernalis Cambess.	Camboatá-vermelho	1	0,32%
Matayba elaeagnoides Radlk.	Cambuatá-branco	1	0,32%
Siparunaceae (01 espécie)		**1**	**0,32%**
Siparuna guianensis Aubl.	Fedegoso	1	0,32%
Styracaceae (02 espécies)		**4**	**1,28%**
Styrax camporum Pohl	Cuia-do-brejo	2	0,64%
Styrax pohlii A.DC.	Laranjinha	2	0,64%
Vochysiaceae (02 espécies)		**10**	**3,20%**
Callisthene major Mart.	Capitão-do-mato	8	2,56%
Vochysia sp.	Pau-goma	2	0,64%

Nota: número de indivíduos (N), percentual (%) *Fim.*

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0179 2026, Vol. 9, e0179

Machaerium acutifolium, *Matayba guianensis*, *Astronium urundeuva*, *Nectandra cuspidata*, *Platypodium elegans*, *Protium heptaphyllum* e *Didymopanax morototoni*. Adicionalmente, espécies representativas do cerrado sensu stricto, como *Casearia sylvestris* e *Xylopia aromatica*, reforçam a heterogeneidade florística da região (Mendonça et al., 1998).

A predominância da família Fabaceae pode ser explicada pela reconhecida expressividade da família na natureza e caracterizada no caso dos remanescentes da CANG pela elevada abundância de espécies como *Platypodium elegans* (10 indivíduos), *Hymenaea courbaril* (9), *Copaifera langsdorffii* (8) e *Tachigali vulgaris* (5). Em comparação com outros levantamentos realizados no Cerrado, Silva et al. (2023), ao estudarem a APA Serra do Gigante em Itapuranga (GO), registraram 162 indivíduos distribuídos em 55 espécies, 45 gêneros e 25 famílias, com destaque para Vochysiaceae e Fabaceae como as mais abundantes. Os resultados obtidos são semelhantes aos deste estudo, especialmente no que se refere à composição florística.

De forma semelhante, Silva et al. (2021), em inventário florestal realizado na região de Silvânia (GO) e entorno, identificaram 172 espécies, pertencentes a 51 famílias e 118 gêneros. As famílias Fabaceae e Vochysiaceae também se destacaram em abundância, embora as espécies mais representativas tenham pertencido ao gênero *Aspidosperma*. Essa comparação evidencia que, apesar das diferenças regionais, há uma convergência na composição florística e na dominância de determinadas famílias nas formações vegetacionais de Cerrado, assim como especificado nos enquadramentos de Ribeiro e Walter (2008).

Conforme registrado por Faissol (1952), a espécie *Hymenaea courbaril* já apresentava grande expressividade na área da Colônia em meados da década de 1940. O autor descreveu o jatobá como uma das árvores mais imponentes da floresta (Figura 2B) do chamado "Mato Grosso de Goiás", destacando seu tronco grosso e reto, além da altura elevada. Na ocasião, Faissol comparou as dimensões da árvore com uma camioneta Ford posicionada ao seu lado, evidenciando o porte da espécie (Figura 2A).

Faissol (1952) descreveu as matas de 2ª classe, localizadas a noroeste de Ceres, como áreas de dominância acentuada de *Mabea fistulifera* (mamoneira), acompanhadas por espécies como *Hymenaea courbaril* (jatobá), *Ficus* sp. (gameleira), *Anadenanthera* sp. (angico), além da chamada "garapa" (*Dealium divaricatum*, Vahl – atualmente *Dialium guianense* (Aubl.) Sandwith), e algumas perobas. Segundo o autor, o angico e a garapa eram mais frequentes no chamado "mato seco", caracterizado por menor disponibilidade hídrica e ocorrência predominante nos espigões, em contraste com as matas de 1ª classe, situadas nos vales.

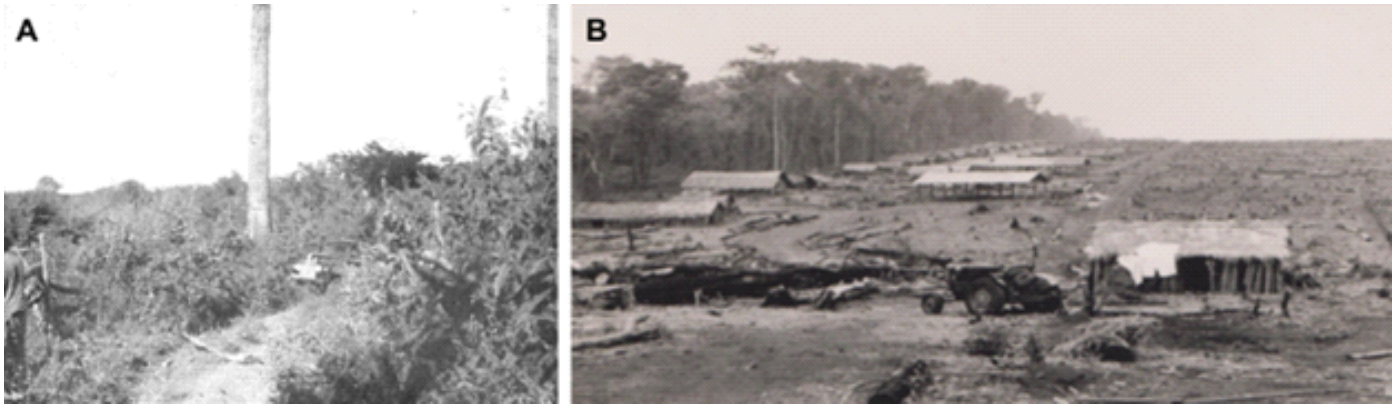
No presente estudo, observou-se a recorrência de várias espécies citadas por Faissol, como *Hymenaea courbaril* (9 indivíduos), *Mabea fistulifera* (2), *Anadenanthera macrocarpa* (2), *Apuleia leiocarpa* (3) e representantes de *Aspidosperma* sp. (3). A única espécie mencionada por Faissol e não registrada nas amostragens atuais foi *Ficus* sp. Ainda assim, a presença expressiva de *Hymenaea courbaril* confirma sua relevância como espécie típica das matas de 1ª classe, corroborando a descrição histórica de Faissol.

Quanto à "garapa" descrita por Faissol, identificada como *Dealium divaricatum* (atual *Dialium guianense*), trata-se de uma espécie sem registros confirmados para Goiás, inclusive em levantamentos recentes. É provável que tenha ocorrido uma confusão de nomenclatura, já que o nome comum "garapa" também é atribuído a *Apuleia leiocarpa*, espécie amplamente distribuída em formações florestais do Cerrado e registrada neste estudo.

Esses resultados evidenciam a consistência entre os relatos históricos e os dados atuais, demonstrando que grande parte das matas da região da CANG corresponde às formações de "mato seco", mas com a presença de espécies-chave que também caracterizam as matas de 1ª classe.

Figura 2

A: Vista Parcial de um Exemplar de Hymenaea courbaril L. (Jatobá-verdadeiro), em 1946; B: Habitações Temporárias de Novos Colonos em Área de Assentamento Rural Próxima à Colônia Agrícola Nacional de Goiás



Nota. Figura A: Faissol (1952); Figura B: Silva e Bell (2018)

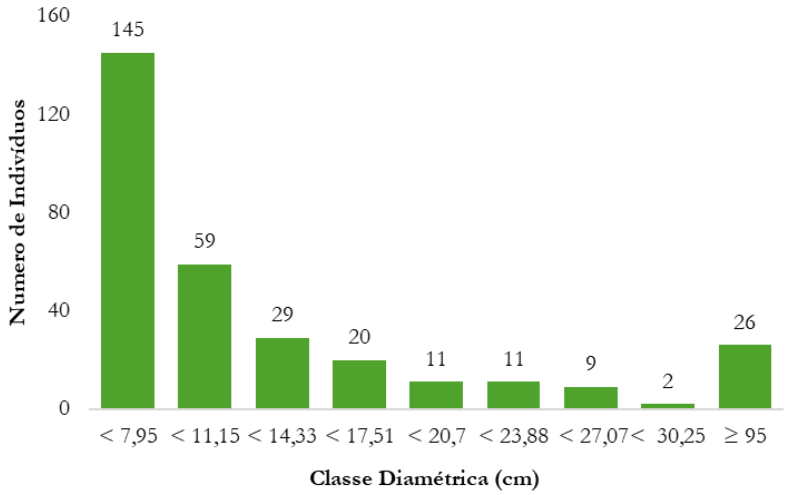


Figura 3

Estrutura Diamétrica da População Arbórea Amostrada

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0225 2026, Vol. 9, e0225

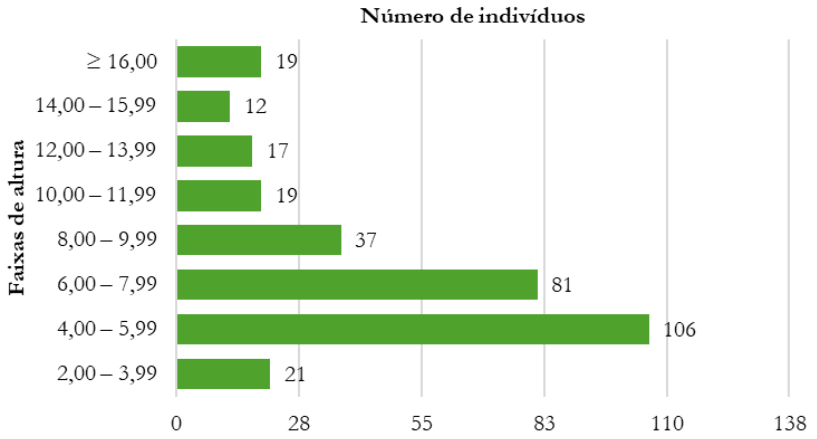


Figura 4
Estrutura Vertical da População Arbórea Amostrada

Estrutura Diamétrica

A primeira classe diamétrica (Figura 3) (<7,96 cm de diâmetro, correspondente a CAP entre 15 e 24,99 cm) concentrou 145 indivíduos, sendo as espécies mais representativas *Hirtella glandulosa* (16 indivíduos), *Protium heptaphyllum* (14) e *Physocalymma scaberrimum* (13). Essa predominância de indivíduos com diâmetros reduzidos são indícios de uma comunidade composta majoritariamente por árvores jovens ou em estágio inicial de desenvolvimento.

Na extremidade oposta, a última classe diamétrica (CAP ≥ 95 cm) reuniu 26 indivíduos, destacando-se *Hymenaea courbaril* como a espécie de maior diâmetro, com 70,70 cm, seguida por *Didymopanax morototoni* (69,25 cm) e *Ocotea* sp. (66,24 cm). Esses exemplares representam os indivíduos de maior porte registrados, possivelmente remanescentes da vegetação original amostrada por Faissol.

Esse padrão de distribuição diamétrica corrobora os relatos de Faissol (1952), que, ao descrever as matas situadas a noroeste de Ceres em direção a Rubiataba, mencionou árvores com diâmetros médios entre 50 e 70 cm, típicas de formações mais antigas. A predominância atual de indivíduos com CAP entre 15 e 24,99 cm, associada à baixa frequência de árvores com DAP ≥ 50 cm, sugere que os fragmentos florestais estudados passaram por processos de degradação ou exploração seletiva ao longo das décadas. Os poucos indivíduos com CAP ≥ 95 cm podem ser considerados remanescente da população original.

Estrutura Vertical e Comparação Histórica (1941-1952 a 2025)

Em seu livro O Mato Grosso de Goiás, Faissol (1952) descreveu áreas de floresta a noroeste da Colônia Agrícola como formações com árvores muito altas, entre 35 e 40 metros, espaçadas e com copas pouco densas, permitindo a entrada de luz e o desenvolvimento limitado de vegetação rasteira. Segundo o autor, essas formações apresentavam poucas árvores intermediárias, entre 8 e 15 metros, e eram compostas por espécies como *Hymenaea courbaril*, *Ficus* sp., *Anadenanthera* sp., *Apuleia leiocarpa* e *Aspidosperma* sp.

No presente levantamento, foram registrados 312 indivíduos arbóreos, distribuídos em 91 espécies, com predominância da família Fabaceae (18,26%). A análise da estrutura vertical (Figura 4) revelou que a maioria dos indivíduos pertence às classes de menor altura: 106 árvores entre 4 e 5,99 metros, seguidas por 81 entre 6 e 7,99 metros e 37 entre 8 e 9,99 metros. Apenas 19 indivíduos apresentaram altura igual ou superior a 16 metros, sendo as maiores árvores registradas *Cariniana estrellensis* e *Apuleia leiocarpa*, com até 20,5 metros.

Esse padrão indica uma vegetação predominantemente jovem ou secundária, com estrutura vertical simplificada. A ausência de árvores com alturas superiores a 30 metros, como descritas por Faissol, reforça a hipótese de que os fragmentos atuais não representam formações primárias intactas, mas sim áreas que passaram por algum tipo de exploração ao longo do tempo. A presença de espécies citadas por Faissol, como *Hymenaea courbaril*, *Apuleia leiocarpa* e *Aspidosperma* sp., confirma a persistência de elementos da vegetação original, embora em menor porte e frequência.

A análise diamétrica corrobora esse cenário: a classe mais expressiva foi < 7,96 cm de diâmetro, com destaque para *Hirtella glandulosa*. A classe de maior diâmetro (≥ 95 cm) contou com apenas 26 indivíduos, entre eles *Hymenaea courbaril* (70,70 cm), *Didymopanax morototoni* (69,25 cm) e *Ocotea* sp. (66,24 cm), indicando a presença pontual de árvores remanescentes de maior porte.

Atualmente, os remanescentes florestais são pequenos, o que pode comprometer a manutenção da biodiversidade local (Martello et al., 2023; Santos et al., 2022).

Apesar das evidências de degradação, os fragmentos florestais da CANG ainda abrigam espécies descritas por Faissol, reforçando a importância ecológica destas áreas. No entanto, a baixa representatividade de matrizes de grande porte e a predominância de indivíduos jovens indicam que esses remanescentes estão pouco preservados, pressionados especialmente pela expansão agrossilvipastoril, com destaque para a cultura sucroalcooleira (Dutra & Silva et al., 2013).

Conclusão

As informações documentadas por Faissol (1952), como a presença de indivíduos esparsos, ausência de lianas e vegetação rasteira pouco desenvolvida, aliadas ao levantamento realizado neste estudo, permitem confirmar a classificação da vegetação atual como Floresta Estacional Semidecidual nas definições de Ribeiro e Walter (2008). A comparação entre os dados históricos de 1946 e os registros obtidos em 2018 evidenciam mudanças significativas: não foram encontradas árvores com altura superior a 35 metros, e os valores médios de diâmetro ficaram abaixo dos 50 a 70 cm descritos por Faissol. Esses resultados indicam que os fragmentos analisados não representam mais formações primárias, mas sim áreas em processo de restauração natural ou de caráter secundário decorrentes de pressões ou explorações ao longo das décadas.

Algumas das espécies citadas por Faissol ainda estão presentes na vegetação atual, embora não seja possível estabelecer comparações diretas quanto à abundância entre os dois períodos. Considerando as características da região em consonância com os relatos históricos, torna-se evidente a necessidade de preservação dos remanescentes florestais, visando garantir a manutenção dos poucos fragmentos existentes e conservar a estrutura e composição florística que ainda podem ser observadas e as relações ecológicas a elas associadas.

https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0179 2026, Vol. 9, e0179

Agradecimentos

A primeira autora LMFV agradece ao PPG Recursos Naturais do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás. Os autores CMSN e SDS agradecem ao CNPq pela bolsa de produtividade.

Contribuições de Autoria

Conceitualização: LMFV, SDS, CMSN. Curadoria de dados: LMFV. Análise formal: LMFV, MJP, CMSN. Investigação: PSS, KNS, WGS, LACS, SCPM. Metodologia: PSS, KNS, WGS, LACS, SCPM. Administração do projeto: LMFV, SDS, CMSN. Programas: LMFV, SDS, CMSN. Supervisão: SDS, CMSN. Validação: SDS, CMSN. Visualização: LMFV, SDS, CMSN. Redação - rascunho original: LMFV, SDS, CMSN. Redação - revisão e edição: MJP, SDS, CMSN.

Conflito de Interesse

As pessoas autoras declaram não haver conflitos de interesse a informar.

Disponibilidade dos Dados

Os dados integrais analisados durante o estudo atual estão apresentados no corpo do manuscrito.

Conformidade Ética

Não se aplica.

Referências

Angiosperm Phylogeny Group. (2016). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society, 181*(1), 1–20. https://doi.org/10.1111/boj.12385

Brasil. (1941). Decreto-Lei nº 3.059, de 29 de janeiro de 1941. Dispõe sobre a criação de Colônias Agrícolas Nacionais. *Diário Oficial da União*, Brasília.

Castilho, D. (2012). A Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) e a formação de Ceres-GO – Brasil. *Élisée – Revista de Geografia da UEG, 1*(1), 117–139. https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/582

Dutra, S., Silva Barbalho, M. G., & Andrade Franco, J. L. (2013). A expansão sucroalcooleira e a devastação ambiental nas matas de São Patrício, microrregião de Ceres, Goiás. *História, 1*(2), 230–247.

Faissol, S. (1952). *O "Mato Grosso de Goiás"*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Conselho Nacional de Geografia.

Ferreira, F. G., Machado, E. L. M., Melo e Silva-Neto, C., Silva, M. C., Medeiros, M. M., Gonzaga, A. P. D., & Fagg, J. M. F. (2017). Diversity and indicator species in the Cerrado biome, Brazil. *Australian Journal of Crop Science, 11*(8), 1042–1050. http://dx.doi.org/10.21475/ajcs.17.11.08.pne615

Filgueiras, T. S., Nogueira, P. E., Brochado, A. L., & Guala, G. F. (1994). Caminhamento – um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. *Cadernos de Geociências, 12*, 39–43.

Haidar, R. F. (2008). *Fitossociologia, diversidade e sua relação com variáveis ambientais em florestas estacionais do bioma Cerrado no Planalto Central e Nordeste do Brasil* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília.

Lorenzi, H. (1992). *Árvores brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil* (Vol. 1). Editora Plantarum.

Lorenzi, H. (1998). *Árvores brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil* (Vol. 2). Editora Plantarum.

Lorenzi, H. (2009). *Árvores brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil* (Vol. 3). Editora Plantarum.

Martello, F., Santos, J. S., Silva-Neto, C. M., Cássia-Silva, C., Siqueira, K. N., De Ataíde, M. V. R., & Collevatti, R. G. (2023). Landscape structure shapes the diversity of plant reproductive traits in agricultural landscapes in the Brazilian Cerrado. *Agriculture, Ecosystems & Environment, 341*, 108216. https://doi.org/10.1016/j.agee.2022.108216

Martins, T. O., Siqueira, K. N., De Melo e Silva-Neto, C., Fonseca, C. D. S., Venturoli, F., & Calil, F. N. (2020). Vegetational and edaphic attributes in forest formations in the Cerrado biome. *Floresta, 50*(1), 961–970. https://revistas.ufpr.br/floresta/article/download/59378/40065

Mendonça, R. C., Felfili, J. M., Walter, B. M. T., Silva Júnior, M. C., Rezende, A. V., Filgueiras, T. S., & Nogueira, P. E. (1998). Flora vascular do cerrado. In S. M. Sano & S. P. Almeida (Eds.), *Cerrado, ambiente e flora* (pp. 289–556). Embrapa – CPAC.

Myers, N., et al. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature, 403*, 853–858.

Oliveira-Filho, A. T., & Ratter, J. A. (2002). Vegetation physiognomies and wood flora of the cerrado biome. In P. S. Oliveira & R. J. Marquis (Eds.), *The cerrados of Brazil: Ecology and natural history of a neotropical savanna* (pp. 91–120). Columbia University Press.

Pennington, T. T., Prado, D. E., & Pendry, C. A. (2000). Neotropical seasonally dry forest and Quaternary vegetation changes. *Journal of Biogeography, 27*(2), 261–273. https://doi.org/10.1046/j.1365-2699.2000.00397.x

Pereira, B. A. D. S., Venturoli, F., & Carvalho, F. A. (2011). Florestas estacionais no cerrado: Uma visão geral. *Pesquisa Agropecuária Tropical, 41*, 446–455. https://revistas.ufg.br/pat/article/view/12666

Pereira, I. S., Calil, F. N., Martins, T. O., Silva-Neto, C. D. M., Borges, J. B., Venturoli, F., & Oliveira, L. H. (2017). Fire effect on the seasonal forest structure in the Cerrado biome. *Floresta, 46*(4), 499–507. https://revistas.ufpr.br/floresta/article/view/45277/31581

Pinheiro, E. D. S., & Durigan, G. (2009). Dinâmica espaço-temporal (1962–2006) das fitofisionomias em unidade de conservação do Cerrado no sudeste do Brasil. *Revista Brasileira de Botânica, 32*(3), 441–454. https://www.scielo.br/j/rbb/a/DFZHs7qbB9j8cjVvcwQQ9MQ/?lang=pt&format=pdf

Ribeiro, J. F., & Walter, B. M. T. (2008). As principais fitofisionomias do bioma Cerrado. In S. M. Sano, S. P. Almeida, & J. F. Ribeiro (Eds.), *Cerrado: Ecologia e flora* (Vol. 1, pp. 152–212). Embrapa Informações Tecnológicas.

Rocha Jr., D. A., Vieira Jr., W., & Cardoso, R. C. C. (2006). *Viagem pela estrada real dos Goyazes*. Paralelo 15.

Sano, E. E., Rodrigues, A. A., Martins, E. S., Bettiol, G. M., Bustamante, M. M., Bezerra, A. S., & Bolfe, E. L. (2019). Cerrado ecoregions: A spatial framework to assess and prioritize Brazilian savanna environmental diversity for conservation. *Journal of Environmental Management, 232*, 818–828. https://doi.org/10.1016/j.jenvman.2018.11.108

Santos, J. S., Dodonov, P., Oshima, J. E. F., Martello, F., De Jesus, A. S., Ferreira, M. E., & Collevatti, R. G. (2021). Landscape ecology in the Anthropocene: An overview for integrating agroecosystems and biodiversity conservation. *Perspectives in Ecology and Conservation, 19*(1), 21–32. https://doi.org/10.1016/j.pecon.2020.11.002

Santos, J. S., Silva-Neto, C. M., Castro Silva, T., Nascimento Siqueira, K., Ribeiro, M. C., & Collevatti, R. G. (2022). Landscape structure and local variables affect plant community diversity and structure in a Brazilian agricultural landscape. *Biotropica, 54*(1), 239–250. https://doi.org/10.1111/btp.13054

Santos, L. A. C., Miranda, S. C., & Silva-Neto, C. D. M. (2020). Fitofisionomias do Cerrado: Definições e tendências. *Élisée, 9*(2), e922022. https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/10907

Scariot, A., & Sevilha, A. C. (2005). Biodiversidade, estrutura e conservação de florestas estacionais deciduais no Cerrado. In

A. Scariot, J. C. Souza-Silva, & J. M. Felfili (Eds.), *Cerrado: Ecologia, biodiversidade e conservação* (pp. 121–139). Ministério do Meio Ambiente.

Silva, G. R. C., De Miranda, S. D. C., De Carvalho, P. S., De Souza, J. C., Pereira, M. J., & Silva-Neto, C. M. (2023). Estrutura da vegetação e fitossociologia da área de proteção ambiental APA Serra do Gigante, Itapuranga, Goiás, Brasil. *Nativa, 11*(4), 454–465. https://doi.org/10.31413/nat.v11i4.15841

Silva, T. C., Siqueira, K. N., Santos, L. A. C., Souza, W. G., Lima, A. A., Ataide, M. V. R., & Silva-Neto, C. M. (2021). Effect of a protected area on the tree structure of the Cerrado. *Revista Brasileira de Geografia Física, 15*, 960–973.

Silva, S. D., & Bell, S. (2018). Colonização agrária no Brasil Central: Fontes inéditas sobre as pesquisas de campo de Henry Bruman em Goiás, na década de 1950. *Topoi, 19*, 198–225. https://doi.org/10.1590/2237-101X01903709

Souza, V. C., & Lorenzi, H. (2005). *Botânica sistemática: Guia ilustrado para identificação das famílias de angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II*. Instituto Plantarum.

Como Citar este Artigo:
How to Cite this Article:

(ABNT)

VIEIRA, L. M.; SILVA, P. S. A.; PEREIRA, M. J.; SIQUEIRA, K. N.; SOUZA, W. G.; SANTOS, L. A. C.; MELO, S. C. P.; DUTRA E SILVA, S.; SILVA NETO, C. M. Entre o passado e o presente: Caracterização florística e estrutural dos remanescentes florestais da antiga Colônia Agrícola Nacional de Goiás. **Paubrasilia**, Porto Seguro, v. 9, e225, 2026. DOI: https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0225

(APA)

Vieira, L. M., Silva, P. S. A., Pereira, M. J., Siqueira, K. N., Souza, W. G., Santos, L. A. C., Melo, S. C. P., Dutra e Silva, S., & Silva Neto, C. M. (2026). Entre o passado e o presente: Caracterização florística e estrutural dos remanescentes florestais da antiga Colônia Agrícola Nacional de Goiás. Paubrasilia, 9, e225. https://doi.org/10.33447/paubrasilia.2026.e0225